

Juan Carlos Scannone

A TEOLOGIA DO POVO

Raízes teológicas
do Papa Francisco



PREFÁCIO

Se os teólogos latino-americanos da libertação afortunadamente ajudaram a Igreja, depois do Vaticano II, a escutar melhor o clamor dos pobres, a originalidade da “teologia (argentina) do povo” consistiu em indicar que essa escuta deveria tomar os caminhos de uma história cujos protagonistas são os povos e as suas respectivas culturas. No que diz respeito à América Latina, e mais especificamente à Argentina, essa história foi marcada de maneira decisiva por uma evangelização que pede para ser seguida e renovada, a fim de dar todos os seus frutos de justiça e de sentido. A piedade popular, especialmente, se revela aí verdadeira espiritualidade em ato(s), na qual a inspiração evangélica suscita um humanismo cristão de solidariedade e de abertura em cujo interior a política, a ética e a mística tendem a avançar de comum acordo.

Juan Carlos Scannone mostra, com força, que a teologia não poderia ser estranha a essa cultura de um povo pobre e crente, no qual ela é levada a reconhecer uma forma de “sabedoria” especificamente cristã, da qual é preciso aprender a se alimentar para estar à altura de suas responsabilidades. Teologia do povo e da sua cultura evangelizada, ela certamente levará em conta as mediações tanto científica quanto filosóficas exigidas pela inteligência da fé, voltando, porém, sem cessar, para beber nas fontes vivas de um Evangelho atestado pela experiência crente dos pobres, dos pequenos e dos simples. E bem poderia ser que essa prática “inculturada” da teologia, cuja intenção universal nunca se separa de um solo conscientemente particular, representa uma verdadeira “alternativa” com relação a uma teologia demasiado abstratamente acadêmica, voltada sobre suas certezas doutrinárias.

O grande interesse dessa iniciação à “teologia do povo” e às suas relações com “a cultura” é, então, que, ao exhibir as “raízes teológicas do Papa Francisco”, ela indica, ao mesmo tempo, de onde provém, espiritualmente não menos que intelectualmente, o soberano pontífice e como esse enraizamento encontra nele um prolongamento ao mesmo tempo mais singular e mais universal. Com efeito, com o estilo e a convivência que lhe são próprios, esse papa argentino consegue dirigir-se a todas as pessoas e a todos os povos: a “cultura do encontro” que ele pratica coloca o acento no papel do Espírito, em ação na diversidade das culturas que ele convida a entrar na dinâmica de uma universalização compartilhada. A inculturação do Evangelho chama a uma efetuação em modos múltiplos, passa pelos encontros e reconhecimentos interculturais nos quais se atesta precisamente o seu sentido metacultural. É permitido ler um “sinal dos tempos” no “clima espiritual” novo que marca, assim, este pontificado e a maneira como o seu falar verdadeiro chega a atingir um mundo que talvez nunca tenha tido tanta necessidade dele.

Porque esta é, sem dúvida, a ambição última de toda teologia verdadeira: contribuir para fazer ou para deixar ressoar a mensagem evangélica no seu significado universal, traduzindo-a de maneira tão justa quanto possível, em função de um contexto sempre particular de experiência. Saudaremos, portanto, a pertinência de uma reflexão que ilumine o sentido libertador da espiritualidade popular da qual os pobres da América Latina dão testemunho, na esperança de deixar entrar hoje um pouco do “ar fresco do Sul” nos “espaços secularizados do Norte, nos quais Deus ‘brilha por sua ausência’”¹. A verdade é que cabe, então, aos sujeitos que se dizem “esclarecidos” da modernidade, escutar essa provocação que vem de alhures – das margens da mundialização – para buscar aí não um modelo a imitar,

¹ Tomo estas citações da página 236 do livro de nosso autor, que faz referência a um trabalho de Bernhard Welte sobre a “possibilidade de uma nova experiência religiosa”.

mas uma incitação que os ajude, mais ainda por sua mentalidade e seu método do que pelos seus conteúdos, a sair do conforto de suas próprias certezas e inventar de maneira diferente, sempre a partir e no interior de um contexto sociocultural particular, novos caminhos de experiência para uma fé livre e racionalmente exposta aos desafios, a compartilhar com todos, do mundo futuro.

Francis Guibal

PRÓLOGO

Quando foi eleito um papa que veio “do fim do mundo”, a simplicidade de sua saudação (“*buona sera!*”), dos seus gestos, das suas palavras e das suas atitudes tocou profundamente, desde o começo, não apenas o “povo fiel de Deus”, mas, além desse primeiro círculo, aqueles que o cercam, a começar pelo povo de sua diocese de Roma e pelos inumeráveis peregrinos que do mundo inteiro se dirigem para lá.

Por este motivo, num segundo tempo, muitos começaram a se interrogar sobre o fundo não somente teologal, mas também *teológico*, desse tipo de atitudes pastorais profundamente humanas e evangélicas. O Colegio Mayor de San José (subúrbio de Buenos Aires), onde eu moro e onde Bergoglio viveu por 18 anos como estudante, provincial, reitor e capelão, começou a receber as visitas de numerosos jornalistas, biógrafos, ensaístas e pensadores de diversos países e línguas; eles estavam em busca de informação não apenas sobre a vida e o apostolado do novo pontífice (inclusive sobre histórias a seu respeito), mas também sobre a teologia que suas reflexões, seus ensinamentos, suas decisões e o seu estilo de vida pressupõem. E muitos deles ouviram, então, falar pela primeira vez da *teologia argentina do povo* e da sua relação com as teologias latino-americanas muito mais conhecidas, as da libertação e da opção preferencial pelos pobres.

Eu me lembro de que, antes mesmo do *Osservatore Romano*, uma jornalista de *La Croix* chegou no Colegio Mayor, o que mostrava bem o interesse suscitado pelo novo papa na “filha primogênita da Igreja”. Pouco depois, foi o diretor da revista jesuíta francesa *Études* que me pediu informações sobre Bergoglio. Mais tarde ainda, no decorrer do ano durante o qual trabalhava na *Civiltà Cattolica*

de Roma, houve outra jornalista francesa, Bernadette Sauvaget, que teve comigo duas entrevistas que ela redigiu depois e publicou com o meu nome, sob o título *Le pape du peuple* (Paris, Cerf, 2015). Lembro tudo isto apenas para mostrar o que estive na origem da redação deste livro, a saber, a sadia e inteligente curiosidade do povo francês e francófono sobre o novo papa.

Acontece, por outro lado, que, antes mesmo da publicação das entrevistas que acabo de mencionar, um amigo de longa data, Pierre Sauvage, jesuíta belga, diretor-geral da editora Lessius, também entrara em contato comigo a fim de tornar conhecido na Europa o enraizamento teológico do Papa Francisco na teologia do povo, praticamente desconhecida nesse continente. Foi essa louvável intenção que levou, finalmente, à composição deste livro. A sua finalidade é contribuir para uma compreensão mais profunda não somente do pensamento, mas também, e sobretudo, da ação do Papa Francisco, da orientação do seu governo da Igreja, bem como de seu diálogo sincero e aberto com as religiões, os povos e as culturas, com vistas a favorecer, em nossa época de globalização, a paz, a solidariedade e a justiça para com os pobres e os excluídos.

Então, este livro começa, após o prólogo, com uma abordagem histórica (primeira parte): o primeiro capítulo apresenta a teologia do povo em suas origens, suas características e suas etapas, até a sua situação atual, e também em sua relação com as outras correntes da teologia da libertação. Um segundo capítulo é dedicado à figura teológica de seu representante mais importante, Lucio Gera (1924-2012), reconhecido como teólogo não somente *do* povo, mas também *desde* o povo. Toda a segunda parte está dedicada a essa teologia do povo *enquanto* teologia inculturada. Explicito aí, em primeiro lugar, em que sentido se fala de “povo” e de “popular”, tanto a propósito do povo de Deus como de povos do mundo (cap. III). Estudo, em seguida (cap. IV), a importância da sabedoria popular para toda a teologia inculturada e para cada uma das figuras que a encarnam

em todas as culturas da terra. Tomo como exemplo a importância desse tipo de sabedoria no *ethos* das culturas latino-americanas, o que permite propor uma abordagem suscetível de ser universalmente aplicada às outras paisagens culturais (cap. V). Finalmente, abordo a questão da teologia popular na sua relação com a piedade e a espiritualidade populares e também com a teologia como ciência (cap. VI). A terceira e última parte desenvolve vários aspectos decisivos da teologia e da pastoral do Papa Francisco, mostrando o seu enraizamento na teologia argentina do povo e nas relações entre esta com o magistério social latino-americano; porque tanto essa teologia como também esse magistério constituem uma continuação inculturada, embora de alcance universal, da mudança de paradigma e de método teológicos realizada no Concílio Vaticano II, especialmente na *Gaudium et spes* (cap. VII). A partir daí é, portanto, possível desenvolver a maneira como a teologia do povo se encontra em relação direta com o roteiro do soberano pontífice, ou seja, com a Exortação apostólica *Evangelii gaudium* (cap. VIII). Termino aprofundando, a partir dessa mesma exortação, temas centrais para Bergoglio: a inculturação do Evangelho (cap. IX), a compreensão do sujeito comunitário da espiritualidade e da mística populares (cap. X) e, finalmente, os quatro princípios “bergoglianos” para a construção e a conduta de um povo, seja ele o povo de Deus ou os povos do mundo. Ainda que essa terceira parte justifique o subtítulo do livro, ao coroar e levar ao seu acabamento o que foi exposto nas duas primeiras partes, mostra efetivamente que as raízes teológicas e pastorais de Francisco se encontram na “teologia do povo”, embora vá mais longe e as leve a um nível mais universal, porém, numa mesma orientação de ação e de pensamento.

Ao recuperar a minha correspondência com Pierre Sauvage, eu me apercebi de que, para fazer com que ele conhecesse a teologia argentina que marcou e continua a marcar Bergoglio, enviei a ele uma primeira redação – feita para uma publicação chilena – do que

compõe agora os primeiros capítulos – introdutório – do livro atual e da sua primeira parte. Tinha, então, também recomendado a leitura de um dos meus livros, *Évangélisation, culture et théologie*, a segunda parte de uma trilogia dedicada à teologia e à filosofia da libertação, assim como elas estão em ação especialmente nas versões argentinas desses dois movimentos. Acontece que justamente a segunda parte do livro atual constitui uma nova redação – publicada dentro de horizontes mais universais – dos quatro capítulos mais importantes dessa obra precedente. Por outro lado, não pude não levar em conta, como pano de fundo, cursos que dei como professor convidado para a cadeira “Teologia intercultural”, no quadro profissional (*Fachbereich*) da “teologia católica” da Universidade de Frankfurt, e que foram publicados sob a forma de livro.¹

Finalmente, o segundo capítulo (da primeira parte) e os capítulos da terceira parte constituem uma reelaboração de artigos redigidos, em sua quase totalidade, para *La Civiltà Cattolica* e outras revistas romanas, e cuja finalidade era tornar conhecidos, a partir do “centro”, os pressupostos teológicos e pastorais do Santo Padre vindo da “periferia”. A única exceção é o capítulo sete, que foi, primeiro, escrito para celebrar, na Universidade de Georgetown, os 50 anos do Vaticano II e, especialmente, da constituição pastoral *Gaudium et spes*, com a sua influência sobre a mudança de paradigma e de método teológicos na teologia latino-americana e em Bergoglio, primeiro papa a ter sido ordenado sacerdote após o concílio. De sorte que toda esta terceira parte tem como objeto de estudo as perspectivas teológicas e pastorais de Francisco, o seu enraizamento no concílio, no magistério social latino-americano e, sobretudo, na teologia do povo; ao sublinhar evidentemente a criatividade que lhe permite seguir essa orientação elevando-a ao nível de uma problemática renovada e

¹ Refiro-me aos meus dois livros: em espanhol, *Evangelización, cultura y teología*, Buenos Aires, Guadalupe, 1990 (2. ed., Buenos Aires, Docencia, 2011, com “Observações preliminares” de Guillermo Rosalino).

original (a sua) e levando-a a ter acesso a um plano mais universal. Para isso, eu me contento em comentar, nos últimos capítulos (VIII a IX), o roteiro de Bergoglio como papa, a saber, a sua Exortação apostólica *Evangelii gaudium* (EG), sem esquecer a sua primeira encíclica inteiramente pessoal, *Laudato si'* (LS). Nesta última, ele cita um dos meus artigos sobre o tema que lhe é muito caro: “a irrupção do pobre” na Igreja, na sociedade e na teologia, um acontecimento compreendido doravante como “experiência de salvação comunitária” (LS 149), que não ocorre apenas na América Latina, mas também, como um sinal dos tempos, de maneira universal, nos povos pobres e nos pobres dos povos.